



Cristina Bernardino

ENTREVISTA PEDRO CASSIANO SANTOS Sócio da Vieira de Almeida &amp; Associados

# Negócio da banca passa cada vez mais por novos serviços

O responsável pela área de banca e setor financeiro da VdA diz que os bancos estão a deixar de ser bancos de balanço, que concedem crédito e recebem depósitos, para passarem a ser "bancos de serviço". O que, defende, cria um novo paradigma.

## FILIPE ALVES

falves@jornaleconomico.pt

Em entrevista, Pedro Cassiano Santos, sócio da Vieira de Almeida & Associados, analisa a evolução do setor bancário português e antecipa uma mudança no modelo de negócio.

**Tendo em conta a sua experiência como advogado ligado às áreas de banca, mercado de capitais e setor financeiro, como é que vê o atual momento do setor bancário português? Depois da resolução do BES e do processo de adaptação que teve lugar nos últimos anos, como é que os bancos portugueses comparam hoje com os outros bancos europeus?**

Em primeiro lugar vejo que o setor esta numa transformação também motivada pela nova tecnologia,

acelerada e muito importante. Isto não é só em Portugal, pelo contrário, é uma tendência que eu vejo em outras jurisdições, até mesmo com caráter universal. Os bancos estão a deixar de ser bancos de balanço, ou seja, bancos que aceitam depósitos e concedem crédito.

### Até porque as taxas de juro baixas não ajudam.

Sim, mas isso é mais conjuntural, um dia pode deixar de ser assim. O que acho que não é conjuntural é que os bancos estão a passar de bancos de balanço a bancos de serviço, a bancos de prestação de serviço, e essa mudança tem muito que se lhe diga e faz muita diferença em particular na banca portuguesa, porque aliás nós vemos uma série de novos players a entrar, prestadores de serviços, às vezes até que não estão no próprio sistema financeiro e que nem sequer são entidades licenciadas e estão a entrar.

“

Há uma carga regulatória muito maior para os bancos tradicionais, e até com alguma dose de injustiça na repartição dessa carga comparativamente aos new gamers

### Há da parte dos players tradicionais quem considere que existe concorrência desleal.

Não sei bem se é assim, mas sim, há uma concorrência desleal, mas isso acontece em todos os setores, os taxistas também acham isso do Uber.

### Mas considera que existe, por exemplo, uma carga de regulação maior para os players tradicionais, que os coloca em desvantagem?

Sim, há uma carga muito maior para os bancos tradicionais, e até com alguma dose de injustiça na repartição dessa carga comparativamente aos new gamers, ou seja, durante muito tempo nós falamos de obstáculos à entrada de novos concorrentes, e hoje em dia se calhar temos é obstáculos à manutenção de players tradicionais. Mas em todo o caso acho que essa ten-

dência é inevitável, e como eu dizia, os bancos estão a deixar de ser bancos de balanço para passarem a ser bancos de serviço, o que quer dizer que nem para conceder depósitos ou para aceitar depósitos, nem para conceder crédito, os consumidores, os investidores, os depositantes, vão poder contar com essa função clássica da banca, se calhar como os nossos pais e avós e nós até hoje sempre contamos e temos todos que nos adaptarmos a isso.

### Ou seja, a banca do futuro vai servir essencialmente para fazer operações de transferências, pagamentos e outras que não necessariamente créditos e depósitos?

E depois, a seguir, uma administração ou apoio à gestão, ou acompanhamento do património, do património financeiro particular das pessoas. É difícil gerar rentabi-



lidade a quem vive da concessão de crédito. Essa é a razão pela qual também todos nós nos fomos habituando e crescentemente a que os nossos bancos nos vão aplicando comissões, pela generalidade das operações que nós praticamos até pelos levantamentos ou até pelas movimentações, ou pela execução de ordens de transferência mesmo que sejam ordenadas por nós próprios online. E daqui ainda sai uma outra consequência muito importante que é os bancos, no fundo, têm reduzido significativamente o seu quadro de pessoal e isso também tem gerado o surgimento de boutiques, digamos assim, ou novos prestadores de serviços mais especializados, pessoas que saem dos bancos e que, no fundo, criam em "autoemprego" ou em conjunto com alguns investidores e outros colegas e outros amigos, que criam novas entidades que também elas estão a entrar neste fenómeno.

#### **Não haverá demasiados bancos de balanço em Portugal?**

A tendência tem sido, no fundo, para diminuir a quantidade de operadores. Mas depois aí há um problema complicado que é o mercado já não é muito grande, Portugal já é uma economia pequena e periférica, portanto, se às tantas ficamos reduzidos a um número ínfimo de players depois também se torna muito difícil fazer funcionar uma economia, porque depois também não nos podemos esquecer que os bancos prestam um serviço muito útil, seja em termos de transparência, seja em termos de não haver dinheiros em baixo do colchão, seja em termos de verificação dos fluxos de fundos e dos fluxos financeiros, para além da aceitação de depósitos, aplicação de poupança e concessão de crédito e injeção de liquidez de economia. Portanto, enfim, acho que em relação a esse tema acho que os bancos na função tradicional continuam a fazer muita falta.

#### **Há espaço para consolidação em Portugal?**

Vai sempre havendo, não é? E há sempre essa tendência, e se nós pensarmos nos últimos anos, aquilo que tem acontecido, desde a troika, é que se reduziram a quantidade de licenças. Com a resolução, o BANIF foi integrado no Santander e houve a resolução em Espanha do Popular, que também foi integrado no Santander. Temos muitos outros exemplos de players que estavam presentes em Portugal e que reduziram ou eliminaram essa presença. Isso tem provocado uma redução drástica na quantidade de operadores bancários propriamente ditos no mercado. No entanto tem aparecido de sinal inverso uma tendência muito importante que é

o surgimento de terceiros que participam no fenómeno ou da distribuição, como é o caso de intermediários de crédito, que é um fenómeno que resulta de uma diretiva europeia e, no fundo, permite que haja terceiros 'não bancos' a participarem no fenómeno da distribuição e da concessão de crédito.

#### **Nessa nova realidade, os direitos dos consumidores estão acautelados?**

O tema dos direitos dos consumidores, enfim, em primeiro lugar, nós temos que também continuar a insistir em que os consumidores se "autoeduquem", ou seja, que sejam eles próprios a adquirir a sua própria literacia e vão adquirindo o seu próprio conhecimento para poderem ser consumidores, digamos, avisados e conscientes. Sem isso nunca vai haver um sistema de proteção que seja completamente eficaz para proteger os consumidores.

#### **Mas acha que, por exemplo, na parte do mercado de capitais que os supervisores foram longe demais? Está-se a "infantilizar" o investidor?**

Não me parece que haja uma proteção excessiva dos consumidores, seja no setor da intermediação financeira, seja no setor dos depositantes e do crédito bancário. A sociedade portuguesa está ela própria a fazer um caminho e nós não nos podemos esquecer de que a nossa sociedade vive em democracia há relativamente pouco tempo, vive em literacia, eu lembro-me dos números quando andava no liceu, e o analfabetismo era mais ou menos um terço da população, e hoje em dia estamos a evoluir para números que já são mais consentâneos para uma realidade europeia, e essa evolução é uma evolução que se vai fazendo, que é lenta, mas que se tem feito, e nomeadamente nos últimos anos. Portanto o sistema, diga-se o que se disser, e obviamente com um contributo relevante do orçamento do Estado e da recapitalização pública, mas o sistema tem respondido na medida do possível.

#### **Refere-se ao caso dos lesados do BES, por exemplo.**

Está a escolher um dos casos mais extremos mas, em todo o caso, nos podemos ter sempre situações em que as pessoas acabaram por fazer investimentos em que se calhar não estavam de acordo com o seu perfil, e com a sua vontade se fossem mais esclarecidas, portanto, nós estamos a olhar em 2019 para situações que provavelmente foram realizadas há uma década, e se calhar esta década é uma década muito importante na evolução dessa matéria. ● Com J.C.